



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –  
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

## HISTORIETAS PERUANAS E A TRADIÇÃO INCAICA<sup>1</sup>

*Peruvian comics and Incaic tradition*

**Thiago Vasconcellos Modenesi<sup>2</sup>**

**Rosa Alicia Nonone Casella<sup>3</sup>**

**Resumo:** Este artigo tem como principal objetivo estudar as possibilidades educacionais contidas em histórias em quadrinhos peruanas, as chamadas *historietas*, que tratam dos incas e de figuras religiosas, históricas e da literatura de reconhecido relevo para aquele país na rede de ensino público e privada. Para tanto, estudamos as *historietas* utilizadas nas salas de aula do ensino regular peruano, *historietas* publicadas no país. Aqui buscamos responder a seguinte pergunta: *As histórias em quadrinhos são parte relevante da política educacional que objetiva a preservação da tradição histórica, cultural e religiosa, além de colaborar na construção do peruano civilizado do século 21?* Queremos demonstrar que as histórias em quadrinhos têm e tiveram relevância no processo educacional peruano e fazemos isso a partir do debate da edificação do processo civilizador daquele país nos apoiando nas teorias de Norbert Elias.

**Palavras-chave:** Historietas. Religiosidade. História do Peru.

**Abstract:** This article aims to study the educational possibilities contained in stories from Peruvian comics, dealing with the Incas and religious figures of historical and recognized relevant literature to this country in public and private schools. For this we study the stories used in Peruvian mainstream classrooms, short stories published in the country. Here we seek to answer the following question: *Are comics a relevant part of education policy which aims to preserve the historical and religious tradition and the construction of civilized Peruvian of the 21st century?* We want to show that comics had and still have relevance in the Peruvian educational process; we do it from the debate

---

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 26 de abril de 2016 e aprovado em 27 de maio de 2016 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>2</sup> Professor do Mestrado Profissional em Inovação e Desenvolvimento – MPID da Faculdade dos Guararapes/PE, Brasil. Possui Licenciatura em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, Recife/PE, Brasil); Especialização em Ensino de História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE, Recife/PE, Brasil); Mestrado e Doutorado em Educação (UFPE, Recife/PE, Brasil). É líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Histórias em Quadrinhos, Charges e Cartuns. Atua no Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa, como pesquisador e membro do conselho editorial; atua na Associação dos Pesquisadores em Arte Sequencial, como pesquisador e conselheiro. Contato: thiagomodenesi@hotmail.com

<sup>3</sup> Mestra em Educação pela UFPE, Recife/PE, Brasil. Contato: rosaalicanc@gmail.com

of the building of the civilizing process of this country by supporting the theories of Norbert Elias.

**Keywords:** Comics. Religiosity. History of Peru.

## Considerações iniciais

O Peru é um dos principais países latino-americanos, possui rica tradição histórica e uma civilização que já se encontrava bastante consolidada antes de os espanhóis chegarem a aquele país. Essa consolidação se apresentava nas edificações dos prédios, nos cultos religiosos, na organização de sua sociedade e também na educação.

Os incas já habitavam aquele território, são parte indissociável da história do país, estão intrinsecamente ligados a suas origens, sendo até anteriores à formalização do Peru enquanto nação. O estudo da influência do povo inca sobre os peruanos na atualidade colabora para melhor entendermos o poder que tal civilização tem até o presente sobre o povo do Peru, em particular no que diz respeito à educação no século 21. Nessa direção, este artigo busca estudar como, mesmo com o passar de séculos, a tradição incaica se mantém viva e influente na atualidade, pautando desde as refeições diárias que vão às mesas até o comportamento de todo um país.

O orgulho do passado e da tradição incaica materializa-se na história do Peru. Essa prima pelo resgate e valorização dos seus antepassados, seja na cultura, nos hábitos, na religião ou nas figuras históricas de relevo. A civilização inca teve relevância para a América, e para o Peru em particular, assim como os astecas e os maias tiveram para México. Destacadamente, a educação na civilização incaica foi responsável por raízes históricas e religiosas importantes para essa nação.

Essa história baseada em figuras incaicas tem função educacional nas escolas peruanas do século 21. Está na forma de educar apoiada em figuras de destaque histórico, associada à valorização do construído através da representação dessas em histórias em quadrinhos (*historietas*<sup>4</sup>) que foram mudando na forma e na linguagem ao passar dos anos, mas preservando a intenção de educar na ludicidade.

As *historietas* são vistas aqui em nosso artigo como parte integrante de políticas educacionais que têm a finalidade de preservação da tradição histórica e da constituição do ser humano peruano civilizado do século 21. Enquanto nação consolidada a partir do processo civilizador que se desenvolveu nesse país, nossa abordagem apoia-se no uso das histórias em quadrinhos (HQs) e sua utilização nas escolas do Peru. Entendemos que as HQs não foram o único elemento que influenciou na construção desse processo histórico, que possui relação com a educação, mas aqui exploramos seu caráter lúdico e as possibilidades que esse instrumento possuiu nessa situação, bem como sua evolução como possível ferramenta pedagógica na educação peruana.

---

<sup>4</sup> As histórias em quadrinhos são chamadas por diversos nomes distintos nos mais variados países: *tebeo* na Espanha; *comics* nos Estados Unidos; *banda desenhada* em Portugal; *fumetti* na Itália e *mangá* no Japão, apenas para citar alguns exemplos.

Essa maneira de chegar ao mundo dos quadrinhos não é exclusiva nossa. A maioria das crianças se defronta com uma HQ em idade escolar ou até mesmo pré-escolar, e, nessa direção, vai ter contato com a leitura das imagens e com as primeiras letras e cores por esse instrumento pedagógico não formal, na maioria das vezes, também não intencionalmente elaborado com essa finalidade por parte dos seus autores. Ainda assim, importa ressaltar que possuímos uma ligação com o objeto, visto que a autora deste artigo tem nacionalidade peruana e viveu sua infância e sua adolescência com a situação de habitar um país contagiado, em todos os seus aspectos, pelo orgulho de ser parte da civilização e da tradição cultural e religiosa incaica.

O processo civilizador peruano tem sua marca mais forte na presença dos incas no passado desse povo e na defesa dessa herança, em contraposição ao legado do colonizador. Culturalmente, o peruano reivindica a ligação com os incas como sua verdadeira origem, maculada pelos espanhóis. Desse modo, estudar a atualidade da edificação dos heróis, algo recorrente nas *historietas*, com o corte específico de peculiaridades educacionais e culturais de hoje, nos ajudará a compreender melhor o povo do Peru, a influência real que tal civilização tem até hoje nos peruanos e o que ela mudou nos hábitos, no educar e no ser educado, além de suas consequências no século 21. Além disso, buscamos também aqui apresentar as políticas educacionais apoiadas em histórias em quadrinhos com a finalidade da formação do processo da construção da preservação da memória histórica construída junto às novas gerações que frequentam as escolas públicas do país.

Há uma percepção e uma ligação maior com o passado no Peru do que aqui no Brasil. Grosso modo, parece-nos que isso possui mais força, maior vulto entre os peruanos do que entre os brasileiros. Afirmamos isso por um maior culto e reconhecimento das figuras históricas e dos contextos que antecedem a chegada do colonizador, vendo os nativos como heróis e defensores de uma tradição com o qual até hoje os peruanos se identificam. Isso também tem ligação com o fato de a civilização inca representar o sincretismo da religião, costumes e educação na construção da representação do poder refletido nos governantes do período. Então, as HQs podem ser parte das expressões culturais (junto com o cinema, a literatura, o teatro, a música, as roupas e outros) que buscam retratar, valorizar, amplificar e lembrar a história peruana, as características desse povo e de sua herança cultural e religiosa.

Suas marcas (a exemplo dos personagens de *historietas Super Cholo*<sup>5</sup> e *La Chola Power*<sup>6</sup>) e seus traços físicos e culturais ali são explorados e, às vezes, até amplificados para demonstrar a diferença de ser peruano em relação ao resto da América e do mundo. O *cholo* é o mestiço entre o branco europeu e o índio peruano, ou aquele índio que adota costumes ocidentais e os miscigena com os peruanos. Parece-nos que a primeira definição é a que está mais próxima ao que consideramos em uso nos dias de hoje do século 21 no Peru.

---

<sup>5</sup> Super Cholo foi criado por Víctor Honigman, con los guiones de Diodoros Kronos (Francisco Miró Quesada C.), em 1957

<sup>6</sup> Super Chola foi criada por Martín Espinoza em 2008.

Embora isso parta da valorização dos incas e de sua tradição como a herança mais expressiva e forte do Peru anterior à chegada dos espanhóis, isso não basta. Há toda uma valorização de outros personagens, roupas, idiomas, religiosidade, palavras, expressões, estereótipos, bebidas e várias outras coisas que os peruanos buscam manter no tempo presente em diálogo e valorização de seu passado por toda a força e elaboração que as civilizações anteriores aos europeus têm e tiveram nessa nação e em seu povo.

Demonstramos aqui a construção de um paralelo no estudo das diferenças e das semelhanças presentes na civilização incaica e da memória cultural e religiosa desse país na educação dos dias de hoje no Peru. Fazemos isso a partir da análise das *historietas* que tratam sobre o tema. A relação dessas com a evolução da oferta de conhecimentos e idiomas na rede de ensino, em sintonia com a valorização do passado, considerando que antigamente nem todas as escolas peruanas ensinavam, por exemplo, o idioma *quéchua*, traço de uma herança cultural dos antepassados peruanos que o tempo foi apagando e o ministério da Educação daquele país tem tentado retomar nos dias de hoje.

## A retratação dos incas: cultura e religiosidade

Os incas são retratados recorrentemente nas histórias em quadrinhos peruanas. Exemplo recente disso é a obra *Ayar, la leyenda de los inkas*<sup>7</sup>, criação de Óscar Barriga, Virginia Borja, Kaimer Dolmos, Erly Almanza y Christian Ramos, que possui alcance internacional e penetração nas escolas peruanas. Os autores peruanos transformaram a referida criação em produto de destaque internacional. Em *Ayar*, representam os incas como fortes, de pele bronzeada, adereços e roupas elaborados. Há todo um cuidado com a imagem. A mesma apresenta na capa um homem ereto, sério, mirando o horizonte, com os cabelos ao vento. Há o estereótipo do herói que se desenvolve e se aprofunda durante a história.

Cabe ressaltar que os irmãos *Ayar* também fazem parte do imaginário peruano. São uma lenda ligada à construção da linhagem inca, antecedendo-a na região de Cusco a partir de uma pequena comunidade ou tribo:

Essa lenda sobre a linhagem inca é mais antiga que a de Manco Capac e Mama Ocllo e é mais confiável ainda por estar próxima ao pensamento andino. Ela foi selecionada entre outros pelo cronista Juan de Betanzos no ano de 1550 aproximadamente e escrita numa linguagem moderna pelo historiador Luis E. Valcercely, publicada em 1984 na História do Peru antigo. Antes dos incas, Cusco era um povoado que tinha 30 moradias habitadas por 30 *ayllus*, cujo senhor se chama Alcaviza; os outros terrenos adjacentes eram apenas pântanos, e a sete léguas encontra-se a colina Tamputoco, ou Tambotoco, que tem três cavernas. De uma delas... Pacaritambo (“Casa da Produção”, “Pousada do Amanhecer” ou “Casa do Esconderijo”), saíram quatro casais de irmãos e suas tribos:

---

<sup>7</sup> O título tornou-se uma referência internacional do Peru em HQs, tendo inclusive participado da San Diego Comic Con, tradicional evento da área nos EUA.

Ayar Cachi e Mama Huaco, Ayar Uchu e Mama Ipacura o Cura, Ayar Auca e Mama Raua, e Ayar Manco e Mama Ocllo<sup>8</sup>. (Tradução própria).

Não é de hoje que os incas e as *historietas* educam. Pesquisadores da origem das histórias em quadrinhos no Peru, a exemplo de Infantas, em seu livro *Historietas de ayer... y de hoy*, argumentam que os primeiros que registraram a história daquele país nos anos de 1500 o fizeram em parte com representações artísticas que poderiam ser consideradas *historietas*, por causa da associação entre texto e imagem:

Por volta do ano 1536, nascia em Ayacucho, Peru, **Felipe Huamán Poma de Ayala**, o melhor dos cronistas indígenas de nossa história. Talvez não seja tão interessante o estudo das 1.296 páginas manuscritas que constam na obra de Huamán (que se ocupa desde a pré-história peruana até o ano 1615, enviando seu trabalho ao rei de Espanha), com a análise de todos e cada um dos 398 desenhos com que ilustrou sua obra, e que, segundo confissão do autor, lhe tomou 30 anos de sua vida; e mais um ano para passá-la “a limpo”, para apresentá-la devidamente ao monarca hispano. Tanto respeito tinha pelo rei, que não se atreveu a escrever a longa carta de apresentação de sua obra do seu punho e letra, mas contratou um experiente calígrafo da época, que com belíssimos caracteres copiou o ditado de Huamán, com data de 14 de fevereiro de 1615; carta que está conservada no Arquivo Geral das Índias, em Madri.

No seu livro, Huamán informa sobre os usos e costumes do Peru e, sobretudo, dos abusos que se cometiam contra os indígenas, com a ideia de que o rei terminasse com tais injustiças. Por isso algum cronista chama Huamán de “**o Quixote índio**”.

Os desenhos de Huamán têm um valor incalculável: não só porque o cronista autor da “**A Primeira Nova Crônica e Bom Governo**” estivesse bem dotado para diagramar corretamente sua obra, mas pelo peculiar estilo dos seus desenhos, em que observamos curiosos detalhes. Por exemplo, ao analisar o quadro 3, vemos como esse equivocado personagem chamado “Felipillo” mostra uma cara de trapaceiro enganador e sem-vergonha que contrasta com a expressão ingênua de outros indígenas; e assim, cada um dos seus desenhos merece o mais detalhado olhar, para valorizar devidamente essa gigantesca obra.<sup>9</sup> (Tradução própria).

---

<sup>8</sup> “Esta Leyenda sobre el linaje Inca, es más antigua que la de Manco Capac y Mama Ocllo y es además más confiable por acercarse al pensamiento andino. Esta fue recogida entre otros, por el cronista Juan de Betanzos en el año de 1550 aproximadamente y redactada en lenguaje moderno por el historiador Luis E. Valcercely publicada en 1984 en Historia del Perú antiguo. Antes de los Incas el Cuzco era un pueblo conformado por 30 moradas habitadas por 30 ayllus cuyo señor de este pueblo se dice Alcaviza; los demás terrenos aledaños eran solo ciénagas y a siete lefuas de este se encuentra el cerro Tamputoco o Tambotoco que tiene tres cuevas. De una de ellas...Pacaritambo (“Casa de la Producción”, “Posada del Amanecer” o “ Casa del Esconderijo”), salieron cuatro parejas de hermanos y sus tribus: Ayar Cachi y Mama Huaco, Ayar Uchu y Mama Ipacura o Cura, Ayar Auca y Mama Raua y Ayar Manco Y Mama Ocllo.” (VALLEJO, Mario Miguel. *La Leyenda de los Hermanos Ayar*. 08/09/2014. 2008. Disponível em: <<http://historiaslatinoamericanas.blogspot.com.br/2008/09/la-leyenda-de-los-hermanos-ayar.html>>. Acesso em: 20 jan. 2016.)

<sup>9</sup> “Alrededor del año 1536, nació en Ayacucho, Perú, Felipe Huamán Poma de Ayala, el mejor de los cronistas indígenas de nuestra historia. Talvez no sea tan interesante el estudio de las 1296 páginas manuscritas de que consta la obra de Huamán, (quien se ocupa desde la prehistoria peruana, hasta el año 1615, en que envía su trabajo al Rey de España), como el análisis de todos y cada uno de los 398 dibujos con que

A partir de tal experiência peruana, que remonta a mais de 500 anos de distanciamento histórico, relacionamos com a construção do estereótipo do forte, do referencial a seguir, da tradição histórica e religiosa que precisava ser lembrada e que é motivo de orgulho para esse povo descendente dos incas, bem como da revolta histórica do trato violento com os índios por parte do colonizador espanhol. Aqui cabe destacar que, diferente do Brasil e dos Estados Unidos, os peruanos têm uma ligação mais sólida com o povo inca, que antecede a ocupação de seu território antes da colonização espanhola do país.



Figura 1: Capa da revista Ayar, La Leyenda de los Inkas, Editora Tawa (2014)

Fonte: Acervo pessoal dos autores

ilustró su obra; la que según confesión del autor, le tomó 30 años de su vida; y un año más, el pasarla “en limpio” para presentarla debidamente al monarca hispano. Tanto respeto le infundía el Rey, que no se atrevió a escribir la larga carta de presentación de su obra, de su puño y letra, sino que contrató a un experto calígrafo de la época, quién con hermosísimos caracteres, copió el dictado de Huamán, con fecha 14 de febrero de 1615; carta que se conserva en el Archivo General de Indias, en Madrid.

En su libro, Huamán informa sobre los usos y costumbres del Perú; y sobre todo, de los abusos que se cometían contra los indígenas, con la idea de que el Rey terminara con tales injusticias. Por ello, algún cronista llama a Huamán “el Quijote indio”.

Los dibujos de Huamán, tienen un valor incalculable: no solo porque el cronista autor de “El Primer Nueva Crónica y Buen Gobierno” estuviera bien dotado para graficar correctamente su obra, sino por el peculiar estilo de sus dibujos, en los que observamos curiosos detalles. Por ejemplo, al analizar el cuadro 3, vemos como ese equívoco personaje llamado “Felipillo”, muestra una cara de pícaro vividor y sinvergüenza que contrasta con la expresión ingenua de otros indígenas; y así, cada uno de sus dibujos merece el más detenido examen, para valorizar debidamente esta gigantesca obra.” (INFANTAS, L. R. *Historietas de Ayer... y de hoy*. Lima: Lima Antícuca, 1981. p. 24.)

O povo inca é descrito na literatura e nos livros de história do Peru, e mesmo de outros países, como heroico, combatente, trabalhador, visionário e referencial de religião e tradição, além de ser capaz de resistir bravamente à colonização. Embora tenha sido sumariamente destruído, possui uma ligação, uma presença no imaginário do Peru atual que os índios brasileiros e os norte-americanos não têm na mesma proporção em seus referidos países. A relação de orgulho, reprodução de roupas, de hábitos (mesmo na atualidade), a referência ao passado anterior à chegada do colonizador não possuem semelhante nos países citados.

Tanto no Brasil como nos Estados Unidos os índios se tornaram minoria (isso ocorreu no Peru também). No entanto, diferente do país andino, nesses, os índios não são o maior exemplo civilizacional que seja seguido até a atualidade por seus povos. Não há nos brasileiros e norte-americanos a busca da identidade com os povos que ali habitavam antes de suas respectivas colonizações, ao menos não de maneira tão ampla e enraizada como há no Peru. As civilizações ali edificadas trabalharam bem a negação do passado e a inculcação de novos valores, comportamentos, línguas e demais hábitos em geral. A minoria indígena não se deu apenas na quantidade de sua população, se deu também na quantidade dos que buscam identidade com esse passado. A teoria eliasiana corrobora isso na obra *Os Estabelecidos e os Outsiders*: “Um grupo só pode estigmatizar o outro com eficácia quando está bem instaurado em questões de poder dos quais o grupo estigmatizado é excluído”<sup>10</sup>. E assim se deu o processo de estigmatização dos incas pelos colonizadores espanhóis, com os primeiros sendo excluídos da posição de poder da sociedade e tendo seus hábitos e costumes desmontados, soterrados e combatidos pelos espanhóis. E prossegue o autor:

A peça central dessa figuração é um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes. Essa é também a precondição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo *outsider* por um grupo estabelecido. Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído<sup>11</sup>.

Nesse caso, os incas saem da posição de estabelecidos na sociedade peruana pré-colonial e se tornam *outsiders* na nova configuração com o colonizador espanhol ocupando o papel de estabelecido. A afirmação de suas tradições e a vinculação com a capacidade que os incas tiveram de edificar, em tempos tão distantes, sua civilização, seus hábitos e seus costumes, têm uma clara admiração e uma busca de perpetuação dessas características por parte expressiva dos peruanos do século 21. Isso tudo pode ser observado na figura 2: a presença de trajes típicos que se perpetuaram até os dias de hoje, bem como o estilo de joias e a utilização de muitas cores nos trajes são heranças inegáveis do período incaico peruano.

---

<sup>10</sup> ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e os Outsiders*: sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 23.

<sup>11</sup> ELIAS, 2000, p. 23.

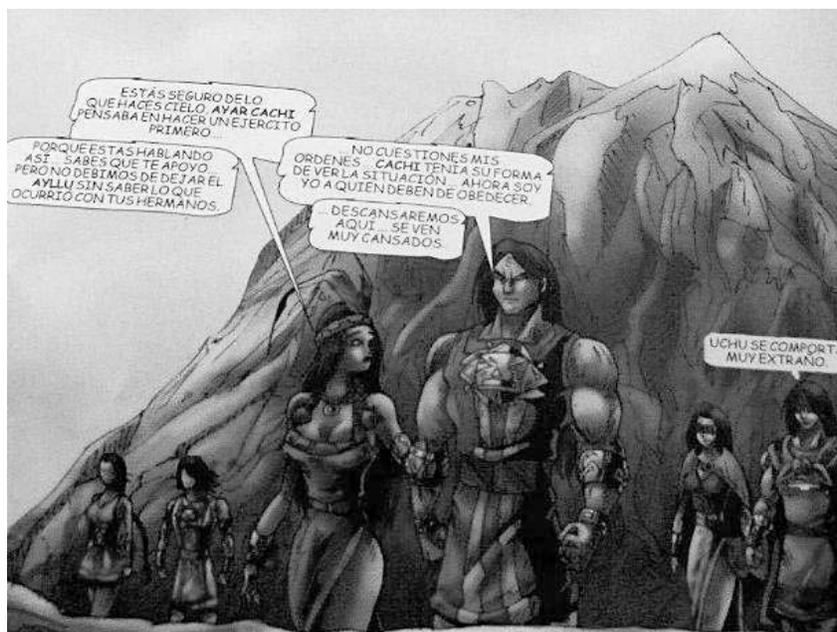


Figura 2: Quadrinho de *Ayar, la leyenda de los inkas*. Editora Tawa (2014)

Fonte: Acervo pessoal dos autores

Aqui fazemos um estudo nos documentos<sup>12</sup> do ministério da Educação do Peru e nas publicações que orientam o uso de *historietas* em ambiente escolar sobre a maneira como se conduz o ensino sobre o período incaico aos estudantes peruanos na atualidade, entendendo isso como parte da educação e da formação do processo civilizador de um povo. Para tanto, levantamos a importância que esses têm para todo um país como referência de comportamento e espelho de uma tradição que parece pautar os peruanos até o presente, isso sendo feito através da ludicidade e do fácil acesso proporcionado pelas histórias em quadrinhos daquele país.

## Norbert Elias e o processo civilizador no Peru

Analisamos o aspecto dos hábitos e costumes peruanos bem como as mudanças das tradições incas do Peru, materializadas na educação. Aqui cabe uma reflexão sobre a formulação de Norbert Elias<sup>13</sup> que não vê a construção da civilização e suas

<sup>12</sup> As *Rutas de Aprendizaje* são recursos metodológicos para o professor poder se guiar no ensino de diversos temas através das *historietas* educativas.

<sup>13</sup> Norbert Elias foi um sociólogo que teve formação de base nas áreas da medicina, filosofia, psicologia e sociologia, lecionou na Universidade de Heidelberg (1924-1929) e na Universidade de Frankfurt (1939-1933). Na obra *Über der Prozess der Zivilisation*, o autor analisa a formação e a consolidação dos estados na Europa e as inter-relaciona com as alterações nos padrões individuais de comportamento e de persona-

consequências necessariamente como algo positivo, já que a mesma também pode se prestar a destruir culturas, costumes e hábitos que a antecedem. Elias, em particular no seu livro *O Processo Civilizador*, estuda e retrata as relações intraclasse e extraclasse existentes na construção do que hoje chamamos civilização.

Neste trabalho, destacam-se o gesto de situar historicamente o processo civilizador e a capacidade de estudar as contradições e detalhes que existem dentro de um mesmo setor, uma mesma classe social.<sup>14</sup> A partir desse autor, buscamos analisar e entender a edificação da nação inca e seu entrelace com o processo civilizador peruano, além de discutir os hábitos e costumes de todo um império, como foram irradiados para além do núcleo de poder maior na sociedade incaica, chegando a influenciar de antes até os dias atuais do povo peruano. Fazemos tal análise dentro dos conceitos eliasianos de relacionamentos como teias que entrelaçam vários matizes de diferentes aspectos de um povo, que caracterizam toda uma complexidade e interdependência, como visto na obra *Os Estabelecidos e os Outsiders* do autor.<sup>15</sup>

Isso é muito marcante numa sociedade complexa como foi a inca no Peru, com suas fortes tradições, religiosidade, costumes alimentares e arte. Expressão disso é a construção de todo um império, inclusive físico, pelos seus membros, o que, em nossa opinião, demonstra uma integração grande em volta de um projeto e de uma civilização que ia sendo edificada. Elias nos ajuda ao explicar o funcionamento e evolução do que define uma civilização, da inclusão gradual de conceitos, hábitos e práticas nas sociedades, passando a fazer parte do cotidiano, da paisagem de cada uma dessas. Crucial nisso é o sentido do processo civilizador para Elias, segundo Souza, ao analisar a obra eliasiana em relação ao processo civilizador:

De acordo com Elias, nada pode parecer menos “incidental” ou considerado como “meramente histórico” na vida social do que a trajetória traçada pelos indivíduos ao longo do tempo. Na verdade, todo esforço de nosso autor em formular uma teoria dos processos sociais visa exatamente examinar essa trajetória. De fato, essa problematização e sua compreensão é o fundamento de toda a sociologia figuracional e foi desenvolvida, por exemplo, de forma mais clara na sua obra “A sociedade dos indivíduos”. As composições formadas pelas cadeias de acontecimentos, ao invés de conformarem amontoados históricos, que vão unicamente se sucedendo uns aos outros, dão início a processos sociais capazes de estabelecer figurações entre os indivíduos: “isso porque as estruturas da personalidade e da sociedade evoluem em uma inter-relação indissolúvel”<sup>16</sup>.

---

lidade, recorrendo a interessantes fontes ilustrativas, como as regras de etiqueta. Essa interdependência entre os indivíduos e a sociedade em que vivem é recorrente nas obras de Elias e suas consequências teóricas correspondem à linha da *figurational sociology*, com a qual o autor se identifica. As influências de Max Weber e de Freud são detectáveis na sociologia de Elias. Suas obras principais: *Über der Prozess der Zivilisation* (1939); *Die Höfische Gesellschaft* (1969); *Was ist Soziologie?* (1970); *The Loneliness of Dying* (1982); *Involvement and Detachment* (1986); *Die Gesellschaft der Individuen*; *Studien über die Deutschen* (1989).

<sup>14</sup> ELIAS, Norbert. *O processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

<sup>15</sup> ELIAS, 2000.

<sup>16</sup> ELIAS, 1994, p. 221 apud SOUZA, Carolina Batista. Civilização e violência: Norbert Elias e a construção da teoria dos processos civilizadores para explicação da vida civilizada. In: 38º ENCONTRO ANUAL

Utilizamos aqui o conceito e a análise do processo civilizador para sublinhar a civilização inca na sociedade peruana e a importância que tiveram os detalhes e as nuances absorvidas histórico e sociologicamente na construção do tecido social peruano:

Elias tenta captar como pode haver uma mutação civilizadora dos homens através do estabelecimento de novas regras de comportamento. As formas da vida cotidiana como comer, dormir, se comportar à mesa, falar em público são as formas privilegiadas onde os desenvolvimentos das transformações podem ser vistos de maneira gradual num sentido específico. A elaboração de uma ampla teoria da civilização se inscreve dentro da teoria eliasiana como instrumento de pesquisa analítico capaz de conectar civilização a processos sociais, e fez com que o autor alemão fosse inserido dentro de um campo disciplinar específico, dos estudos processuais de longa duração<sup>17</sup>.

A chamada mudança civilizadora no Peru deu-se com a chegada do colonizador. Com esse foram se alterando as regras de comportamento, sucedida pela introdução de seus hábitos e costumes e, na sequência, a volta da admiração e repercussão dos referidos hábitos e costumes iniciais pelos peruanos do século 21 numa espécie de protesto e negação do colonizador espanhol.

Aqui destacamos duas passagens de Brandão que nos ajudam a entender ainda mais o processo civilizador na visão de Elias e a força dos costumes na construção dos comportamentos ao passar dos séculos:

Quando visto como um processo de desenvolvimento do indivíduo, o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica. Tais mudanças, apesar de não terem sido intencionais ou planejadas, não implicam uma “mera sequência de mudanças caóticas”. Para explicitar a sua teoria dos processos de civilização, Elias discute as relações sociais existentes nas sociedades guerreira, feudal, de corte absolutista, terminando com o advento da sociedade burguesa, sempre mostrando as relações de correspondência ocorridas entre as transformações sociais e as alterações na estrutura psicológica dos indivíduos dessas sociedades<sup>18</sup>.

Imaginemos aqui o poder da transformação social da chegada do colonizador e a imposição de seus costumes, seus modos de vida sobre uma civilização já edificada, com características já muito marcantes e firmes junto a seu povo. O choque é inevitável; tal tradição e costumes se encontram submersos no povo peruano, não apagados,

---

DAANPOCS, 2014, Caxambu. *Anais...* São Paulo: ANPOCS, 2014. Disponível em: <[http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=9318&Itemid=456](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=9318&Itemid=456)>. Acesso em: 10 jan. 2016. p. 5.

<sup>17</sup> SOUZA, 2014, p. 7.

<sup>18</sup> BRANDÃO, C. F. *A teoria dos processos de civilização de Norbert Elias: o controle das emoções no contexto da psicogênese e da sociogênese*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília/SP, 2000. p. 122.

mas ocultos pela força do império espanhol que se sobrepôs à cultura e aos costumes incaicos ali existentes. Para Brandão:

O padrão de comportamento de uma dada sociedade é explicitado pelos seus costumes, o qual pode entender como códigos específicos de comportamento. Tais códigos surgem, inicialmente, em uma determinada classe social, geralmente a classe social dominante, expressando sua autoimagem. Progressivamente, esses códigos disseminam-se por extratos sociais cada vez mais amplos. Concomitantemente à difusão desses códigos, construindo um padrão psicológico moldado “sob pressão da tradição institucionalizada e da situação vigente”<sup>19</sup>.

Os códigos dos extratos sociais mais elevados dos incas atingiam o conjunto da população de seu império e foram substituídos gradativamente pelos códigos espanhóis, mas se mantiveram pressionando historicamente por sua volta a partir do sentimento peruano de violação sofrida pelo colonizador. Violação essa que ocorreu nos costumes, na cultura, na religião e no idioma. Os peruanos buscam o resgate de rica tradição anterior à invasão e fazem-no nos mais variados aspectos e meios de formação. Isso se dá nas tradições atualmente seguidas na sociedade peruana, como no aspecto dos empréstimos linguísticos do idioma incaico *quêchua*<sup>20</sup>, considerada segunda língua oficial do Peru. Mas também no uso da papa (um tubérculo oriundo dos incas) na culinária, nas comemorações de datas festivas em que se seguem as tradições cerimônicas ao Deus Sol, no uso de trajes típicos, nas criações artísticas artesanais e arquitetônicas, na domesticação das lhamas, vicunhas e alpacas, que são animais andinos tidos com meios de transporte na civilização incaica até os dias de hoje.

## Considerações finais

Com a teoria eliasiana, podemos estudar essa experiência que o império viveu de incorporar expressões culturais carregadas de significância e com ressonância em parte da população que teve contato com essas ideias. Podemos analisar seu impacto na elite e nas camadas populares. O desafio proposto aqui neste artigo foi o de desvendar se na atualidade do século 21 o ensino da história do Peru apresenta os incas como uma referência do ponto de vista comportamental e de hábitos a ser seguida ou negada. Outro enfoque que buscamos analisar é se o passado inca se insere meramente na cronologia da disciplina de História como algo a ser aprendido, mas não perpetuado, como algo em desuso ou superado no desenvolvimento do Peru dos dias de hoje.

---

<sup>19</sup> BRANDÃO, 2000, p. 125.

<sup>20</sup> *Quêchua* é um conceito com vários usos, que partem de uma mesma referência: os quéchuas eram aborígenes que habitavam na zona de Cusco durante o processo de colonização do território que hoje pertence ao Peru. Quéchua também é a língua que falavam os povos do período incaico e que chegou, com distintas variantes, às populações que hoje se identificam como quéchuas. Pode entender-se que o quéchua é uma família de línguas falada por cerca de dez milhões de habitantes da América do Sul. Hoje, identificam-se povos quéchuas como sendo os descendentes daquela etnia. Nesse sentido, há populações quéchuas no Peru, Equador, Colômbia, Bolívia, Chile e na Argentina, afincadas em geral na Cordilheira dos Andes.

Educar e formar são duas categorias que caminham juntas, misturam-se e dependem uma da outra. Nosso artigo buscou colaborar para um melhor entendimento da influência incaica sobre o povo peruano no passar dos séculos, com destaque no século 21. Apresentamos neste artigo a maneira como o povo peruano enxerga a presença das suas tradições na educação como algo relevante no seu modo de encarar o mundo atual.

Aprofundamos tal perspectiva estudando como o peso dessa tradição, que está situada em séculos distantes no processo civilizador daquele país, se faz presente no cotidiano contemporâneo de toda uma nação, com destaque na força que isso mantém até hoje na formação dos estudantes do Peru.

Não é possível estudar o passado do Peru e seu processo civilizador pré-colonização e pós-colonização sem analisar e entender a civilização inca com toda a sua complexidade para o período em que existiu ali. Nesse momento começou a edificação de uma nação por cima dos escombros de um povo, expressou-se com força parte importante do processo civilizador do Peru. Nosso artigo buscou aproximar esse passado do Peru nos dias de hoje, entendendo melhor toda uma nação e seus costumes a partir da educação. Ter em conta o legado dos incas como meio de transmissão de conhecimentos dentro de um aspecto educacional que faz parte de uma estrutura cultural viva dá a oportunidade para que todos nós possamos valorar, até os dias de hoje, a importância dos ensinamentos que os incas deixaram.

Poder levar a cabo o ensino do Peru por meio do uso das *historietas* educativas torna-se uma forma relevante e diferenciada de aprendizagem dos alunos, em que os mesmos farão proveito dessa alternativa visual mais atraente, lúdica e objetiva para o que eles precisam aprender dentro do conteúdo programático estabelecido na grade curricular da escola. Anteriormente, no Peru, as histórias em quadrinhos não eram tidas como um recurso importante para o aprendizado do aluno. Acredito que isso se deva ao fato de que ainda não existia um despertar para fazer uso das *historietas* em sala de aula, uma das abordagens dessas eram o humor na reprodução de temas mais complexos da história e da mitologia, por exemplo.

As *historietas* peruanas podem ter interface com o ato da aprendizagem por serem uma forma de contato da criatividade cognitiva da mente humana com as bases culturais da história e da tradição do Peru, isso na perspectiva da transmissão de conhecimentos adquiridos previamente com base das tradições da cultura inca.

Utilizando uma forma peculiar, que se comunica com o leitor por meio de várias linguagens, escritas ou não, representadas por imagens ou códigos que buscam a aquisição do entendimento da mensagem transmitida pelo criador, o autor de *historietas* usa a arte para criá-las com o intuito de expressar pensamentos e tornar acessíveis fatos e situações históricas, bem como estimular na criação de outras *historietas* pelos leitores.

Com esta análise buscamos comprovar que a aprendizagem sempre é inerente ao ser humano e a mesma pode ser obtida de diversas formas. Neste artigo, focamos na utilização das *historietas* nas escolas por educadores, que ali abordam diversas nuances da história e da cultura peruana, sendo possível articular as mesmas com a educação dentro de uma política eficiente.

Destacamos também um relevante apoio do ministério de Educação para seu uso em sala de aula, colaborando na mudança da forma da aquisição do conhecimento numa perspectiva inovadora no sistema educacional peruano.

Inovar na educação; usar um novo recurso metodológico que integre plenamente a interação do corpo discente e docente por meio das *historietas* educativas; expor raciocínios lógicos; proporcionar uma socialização eficiente entre todos os alunos fazendo uso de novas tecnologias na educação ao ler uma *historieta* através de novas tecnologias, redes sociais, internet e tablete – tudo isso trará conquistas diferenciadas nas aprendizagens do aluno em qualquer faixa etária, porque é isto que a educação pede: ter contato com outras ferramentas de aprendizagens que torne o aprendizado relevante e flua como outra alternativa dinâmica, a exemplo de como as *historietas* educativas peruanas estão sendo usadas em sala de aula nos dias de hoje nas escolas do Peru.

## Referências

- BARRIGA, O.; BORJA, V.; DOLMOS, K.; ALMANZA, A.; RAMOS, C. *Ayar, la leyenda de los inkas*. Lima, Peru: Editora Tawa, 2014.
- BRANDÃO, C. F. *A teoria dos processos de civilização de Norbert Elias: o controle das emoções no contexto da psicogênese e da sociogênese*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília/SP, 2000.
- ELIAS, N. *O processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.
- \_\_\_\_\_. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- INFANTAS, L. R. *Historietas de Ayer... y de hoy*. Lima: Lima Antícuca, 1981.
- SOUZA, Carolina Batista. Civilização e violência: Norbert Elias e a construção da teoria dos processos civilizadores para explicação da vida civilizada. In: 38º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2014, Caxambu. *Anais...* São Paulo: ANPOCS, 2014. Disponível em: <[http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=9318&Itemid=456](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=9318&Itemid=456)>. Acesso em: 10 jan. 2016.
- VALLEJO, Mario Miguel. *La Leyenda de los Hermanos Ayar*. 08/09/2014. 2008. Disponível em: <<http://historiaslatinoamericanas.blogspot.com.br/2008/09/la-leyenda-de-los-hermanos-ayar.html>>. Acesso em: 20 jan. 2016.